

Jules Verne

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA

EDIÇÃO COMENTADA E ILUSTRADA

Tradução, apresentação e notas:
Jorge Bastos



Copyright da tradução e das notas © 2016, Jorge Bastos

Copyright desta edição © 2016:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 — 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ilustrações: Édouard Riou (1833-1900), para a edição de 1867

de *Voyage au centre de la Terre* (Paris, J. Hetzel)

Preparação: Geísa Pimentel Duque Estrada | Revisão: Nina Lua, Carolina Sampaio

Projeto gráfico e composição: Mari Taboada | Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Verne, Jules, 1828-1905

V624v Viagem ao centro da Terra: edição comentada e ilustrada/Jules Verne; ilustração Édouard Riou; tradução, apresentação e notas Jorge Bastos. — 1.ed. — Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

il. (Clássicos Zahar)

Tradução de: *Voyage au centre de la Terre*

Inclui cronologia

ISBN 978-85-378-1551-9

1. Ficção infantojuvenil francesa. I. Riou, Édouard. II. Bastos, Jorge. III. Título. IV. Série.

APRESENTAÇÃO

Em frente! Em frente!

Viagem ao centro da Terra foi o segundo romance publicado por Jules Verne, em 1864, na coleção em seguida intitulada *Viagens Extraordinárias*, um ano depois do primeiro, *Cinco semanas em um balão*. Ao todo, mais sessenta romances e dezoito novelas completariam a série, ao longo de quarenta profícuos anos, com clássicos imortais como *Vinte mil léguas submarinas* e *A volta ao mundo em oitenta dias*. Esse conjunto monumental fez do escritor francês, segundo o *Index translationum* mantido pela Unesco, que relaciona publicações nos mais diferentes países, o segundo autor mais traduzido do mundo, logo depois de Agatha Christie e à frente de Shakespeare!

Trata-se de uma obra das mais originais e ousadas à época, sobretudo se lembrarmos — às vezes chegamos a esquecer — que voltada para um público jovem, sedento de aventuras, sim, mas também curioso com relação às ciências e tecnologias, que em vertiginosa velocidade abriam horizontes até então impensáveis. Horizontes novos e não só geográficos, longe disso.

Jules nasceu em 1828, filho de um advogado, na cidade portuária de Nantes, na costa oeste da França, quase de frente para o oceano Atlântico, no estuário do rio Loire, famoso por seus castelos medievais e renascentistas. Há uma lenda de que o menino, aos onze anos, teria se engajado como grumete num grande veleiro que partia para a Índia e foi arrancado de bordo pelo pai, já a quarenta quilômetros da cidade, num porto em que o navio aparelhava para partir. Duramente “sacudido”, o aprendiz de aventureiro confessou que partia para conseguir um colar de coral com que queria presentear uma prima, por quem estava apaixonado. Teria, nessa ocasião, prometido ao pai nunca mais viajar a não ser em sonhos. É provavelmente uma fábula criada pela imaginação da família, pois em seu conto autobiográfico “Memórias da infância e

adolescência” Jules narra ter, nessa idade, subido a bordo de um grande veleiro sem que ninguém o impedisse, até ser advertido pelo capitão, enquanto fazia manobras imaginárias com o timão. Interessa na anedota doméstica o fato de Jules Verne ter de fato levado vida bastante pacata, viajando relativamente pouco e de forma mais burguesa do que aventureira (não havendo nisso nenhum demérito). Somente mais tarde, escritor já consagrado, faria viagens ousadas capitaneando seu próprio barco, por mares do norte da Europa e pelo Mediterrâneo. São frequentes em seus livros, aliás, os créditos a cartógrafos e a editores gráficos de mapas e de atlas, provável marca de gratidão àqueles que o guiavam em suas viagens oníricas.

O menino e adolescente Jules, em todo caso, foi comprovadamente bom aluno em letras clássicas, grego e latim, interesse que não só aumentou posteriormente o charme da sua literatura, mas nela instaurou uma dialética entre humanismo e ciência, levando-o com frequência a ver com certo pessimismo os progressos técnicos, num momento em que tudo parecia possível à civilização europeia, graças ao vapor e à eletricidade.

A moderação dessa atitude sombria, tão bem representada pelo capitão Nemo em *Vinte mil léguas submarinas*, o melhor convívio entre as tendências “suave” e “dura”, deve-se em grande parte à influência do editor Pierre-Jules Hetzel, com quem Verne começou a trabalhar em 1862, ao assinar um contrato que se estendia por vinte anos, mas que inclusive se prorrogou amigavelmente após a morte de Hetzel, em 1886, e até a do escritor, em 1905. A relação que se estabeleceu entre o bem-sucedido homem de negócios e o romancista ainda quase desconhecido foi uma das mais proveitosas da história da literatura, com a agudeza comercial e visão de mercado do editor se impondo como bom contraponto ao ímpeto personalista do autor.

Ao assinar o compromisso — que além da longuíssima duração previa dois livros por ano! —, Jules Verne já contava com inúmeras tentativas literárias e teatrais, sem ter conseguido, porém, sucesso suficiente para deixar o emprego na Bolsa de Valores de Paris. Era com preocupação que o pai via-o se afastar irremediavelmente da carreira de advogado, meta que havia justificado o seu envio à capital, onde deveria se formar e então voltar a Nantes para substituí-lo, pouco a pouco, na profissão. De fato, desde que desembarcara em Paris, em 1847, apesar de bem-comportadamente prosseguir os estudos e se diplomar, o estudante vira seu interesse “periférico” ganhar força, indo se fixar primeiro no teatro, devorando os dramas de Victor Hugo e de Alexandre Dumas (mas confessando preferir os clássicos Molière e Shakespeare). Escreveu então várias peças — eram a maneira mais rápida de se conseguir algum sucesso financeiro na literatura — e tornou-se amigo de Dumas filho, a quem conheceu numa visita a um quiromante famoso.

O rapaz conseguiu levar ao palco uma peça de Verne, *Les pailles rompues*. A estreia foi em 12 de junho de 1850, na sala de espetáculos que Alexandre Dumas havia inaugurado em Paris, e que pouco durou. O dramaturgo estreante

tinha 22 anos. A aventura teatral e a amizade com o futuro autor de *A dama das camélias*, mesmo sem abrir as portas para a fortuna, gerou em seguida um emprego para o jovem estudante junto ao novo proprietário do teatro, que deixou de se chamar Théâtre Historique para se tornar Théâtre Lyrique. O cargo não garantia um salário, mas dava a Verne a liberdade de encenar peças suas, em geral em colaboração com o escritor Michel Carré. Em 1852, por carta, o recém-diplomado advogado declarou ao pai a sua recusa com relação aos planos que o haviam levado a Paris: "... tenho certeza, a carreira que mais me convém é esta em que insisto ... É por saber o que sou que compreendo o que serei um dia. Como então assumir um escritório que você tornou tão eficiente e que em nada vai se fortalecer comigo, podendo só decair?" Para a mãe, pouco antes, ele havia escrito: "... posso me tornar bom escritor e seria um medíocre advogado, vendo em tudo apenas o lado cômico e a forma artística, sem considerar a realidade séria das coisas".

Por essa época, Jules passou a frequentar a Biblioteca Nacional, se apaixonando por assuntos científicos e suas mais recentes descobertas, mas era sobretudo a geografia que atraía a sua curiosidade. Esta última o levou a descobrir um personagem surpreendente, um ilustre e incansável aventureiro, o geógrafo, romancista e desenhista Jacques Arago, que continuava a percorrer o mundo apesar de cego (morreu pouco depois, no Brasil, em 1854). Foi quem fez crescer em Verne o interesse por relatos de viagem, tornando-o também um incansável explorador, só que cartográfico. Ele havia conhecido em 1851 o chefe de redação da revista *Musée des Familles*, seu conterrâneo da cidade de Nantes, Pierre-Michel-François Chevalier, que aprovou para publicação uma novela sua, *Os primeiros navios da Marinha mexicana*. Logo em seguida, outra novela, *Uma viagem num balão*, que seria republicada em 1874, já na coleção *Viagens Extraordinárias*, com o título *Um drama nos ares*. Em 1852, a mesma *Musée des Familles* publicou mais dois trabalhos de Verne: *Martin Paz* e *Os castelos na Califórnia*, texto cômico e recheado de subentendidos picantes. Por mais alguns anos, Verne continuou a encenar comédias musicais, em parceria com o amigo músico Aristide Hignard (num momento em que as óperas-cômicas de Offenbach eram a coqueluche da cidade), e a escrever ativamente apesar de problemas de saúde — crises inexplicáveis de paralisia facial, dores estomacais e intestinais. Teve ainda duas paixões infelizes e não correspondidas (a tal prima do colar de coral, que se casou com um bom partido indicado pela família, e outra jovem também de Nantes, que igualmente preferiu um casamento de razão).

No tocante ao coração, aliás, há alguns anos Jules participava com dez amigos de um jantar literário a que chamavam "Os Onze-sem-mulher". E as reuniões em volta da mesa prosseguiram, mesmo que boa metade dos comensais — casada e com filhos — já não tivesse mais o direito estatutário de participar. Essa onda casamenteira não deixou de afetar Jules, que fala disso

em quase todas as cartas à sua mãe e, brincando, pede que lhe arranje uma esposa, com quem imediatamente se casaria “de olhos fechados, já que todas as moças pelas quais me interessa invariavelmente se casam em curtíssimo espaço de tempo!”.

Foi justamente como testemunha de casamento de um dos Onze-sem-mulher que ele conheceu Honorine, irmã da noiva. Em mais uma carta à sua mãe, ele conta: “Acho mesmo que estou apaixonado por uma jovem viúva de 26 anos! Só que ela tem dois filhos! Realmente, que falta de sorte!” Mas a decisão está tomada. Vai se casar! Primeira providência: uma situação material mais estável. Num piscar de olhos — de dez meses, pois Honorine enviudara pouco antes e era preciso manter um mínimo de compostura! —, ele teria não só mulher, mas também dois filhos a sustentar. Arranja então, aos 28 anos, um emprego na Bolsa.

O idílio conjugal parece não ter durado muito, mas não a ponto de afetar a instituição, propriamente, matrimonial. Estudiosos da obra de Verne e biógrafos se referem a certa Estelle Hénin, que o escritor conheceu em 1959 e se casou no mesmo ano (confirmando o que ele dizia à sua mãe), tornando-se Estelle Duchesne, que teria morrido em 1865, dando à luz uma possível filha ilegítima de Verne, Marie Duchesne. Nesse meio-tempo, em 1861, nasce seu filho com Honorine, Michel. Mas Jules, em viagem à Noruega com Hignard (já haviam antes ido à Inglaterra e à Escócia, pois o irmão de Aristide, agente de viagens, lhes conseguia as passagens), não chega a tempo do parto.

Sem parar de acreditar na carreira literária, paralela à atividade oficial no mercado de ações, Jules Verne passou a Pierre-Jules Hetzel, em 1862, os manuscritos do romance *Cinco semanas em um balão*, inspirado nas aventuras do amigo Félix Nadar, pioneiro da fotografia e da aerostática, e também a narrativa de sua viagem à Escócia, que foi recusada. Nessa escolha editorial, esboça-se já o que viriam a ser as Viagens Extraordinárias. O sucesso foi imenso, ultrapassando as fronteiras da França. É quando Verne assina o contrato anteriormente citado, prevendo a entrega de textos com perfil que pudesse se encaixar na revista *Magasin d'Education et de Récréation*, publicada pelo editor e voltada para o público jovem. O que não o impedia de continuar a colaborar com a *Musée des Familles* (na qual, em 1864, publicou seu único ensaio, sobre Edgar Allan Poe, que lera na famosa tradução de Charles Baudelaire) e livrar-se, afinal, do emprego na Bolsa. Ainda em 1863, ele se torna membro da Sociedade dos Autores e Compositores Dramáticos e, dois anos depois, da Sociedade de Geografia. Finalmente pode se considerar um escritor em tempo integral. Faz uma viagem aos Estados Unidos com o irmão um ano mais moço e da travessia tira o romance *Uma cidade flutuante*.

Verne parece ter procurado, na vida adulta, se distanciar da cidade natal, mas guardou a sua tradição náutica e foi sempre um apaixonado marinheiro. Assim que pôde, comprou um velho barco pesqueiro e o reformou. Em 1872,

depois da guerra franco-prussiana de 1870, quando foi mobilizado como guarda-costeiro, e após o sangrento episódio da Comuna de Paris, o casal Verne se mudou em definitivo com os três filhos para Amiens, no norte da França. Era a cidade da família de Honorine e ficava a poucos quilômetros de onde Jules atracava o seu barco-escritório, o *Saint-Michel*, no pequeno porto de Cotroy. Ao velho barco para a pesca de sardinhas sucederam os *Saint-Michel I, II e III*, cada vez maiores e mais confortáveis, com os quais o capitão Verne fazia viagens mais longas a Argel, a Irlanda e Escócia e a Holanda e Dinamarca.

Em carta ao amigo Charles Wallut, ele explicou: “Por vontade de minha mulher, me mudei para Amiens, uma cidade bem-comportada, bem policiada, sem altos e baixos em suas maneiras, com vida social afável e letrada. Estamos perto de Paris o bastante para aproveitar o brilho sem o rebuliço insuportável e a estéril agitação. Para dizer tudo, meu *Saint-Michel* fica amarrado bem perto, em Cotroy.”

Foi nesse primeiro período de consolidação da obra, aproximadamente de 1862 a 1872, que Jules Verne publicou *Viagem ao centro da Terra*, em 1864. O tema parece ter surgido da leitura de um livro de 1741, do dinamarquês Ludvig Holberg, *As viagens de Niels Klim pelo mundo subterrâneo*, cuja intenção era criticar a sociedade setecentista, à maneira de Jonathan Swift em *As viagens de Gulliver* (1726), ou ainda de Montesquieu em *Cartas persas* (1721). Para se resguardar, originalmente Holberg havia publicado seu livro em latim, mas a tradução francesa, na íntegra, foi quase imediata. As semelhanças, porém, se resumem praticamente ao título e, diga-se, a viagem do nosso professor Lidenbrock na verdade não chega propriamente ao centro da Terra, revelando-se “apenas” subterrânea. Os dois livros, em todo caso, refletem bem os seus respectivos séculos, iluminista um, desafiando a tradição e a autoridade, científica o outro.

O romance de Verne começa com a decifração de uma charada, colocada por um antiquíssimo texto escrito em latim, mas usando caracteres rúnicos. Num curto bilhete truncado (escondido num manuscrito do século XII), um alquimista dos anos 1500 dizia ter atingido o centro do planeta, por um caminho descoberto a partir da boca de um vulcão na Islândia... O silêncio em que esse prudente homem de ciências guardou a formidável descoberta também se explicava, com ainda mais forte razão, pelo receio da perseguição religiosa, numa época em que a excomunhão garantia não só o inferno no além, mas também um verdadeiro vale de lágrimas aqui na Terra, quando não a fogueira. Desta última certamente o indócil professor Lidenbrock não teria escapado, vivesse ele algumas centenas de anos antes e não na boa e livre cidade de Hamburgo, no norte da Alemanha protestante. Ele manterá a expedição o mais sigilosa possível, mas por temer uma desenfreada corrida de sábios do

mundo inteiro, todos querendo ser o primeiro a assombrar o planeta com a notícia da prodigiosa façanha.

Sob o teto do professor, vivem o sobrinho Axel, órfão de cerca de vinte anos e cumprindo também as funções de assistente; a bela (pelo menos aos olhos de Axel, por ela apaixonado e correspondido, apesar de manterem o compromisso em segredo) Graüben, jovem sob a tutela do dono da casa; e a empregada Marthe, encarregada da ordem doméstica.

Todos os preparativos para a viagem são feitos rapidamente nessa pequena comunidade, entre os quais a confecção de um enorme volume de bagagem com ferramentas, armas, cordas, mapas e instrumentos científicos. De fato, tão famoso pelo descomedimento quanto pelo saber enciclopédico na sua área de ensino, englobando a mineralogia, a geologia, a botânica, a arqueologia etc., o enérgico Otto Lidenbrock age duas vezes antes de pensar, entrando de corpo e alma em todas as polêmicas científicas imagináveis, atraindo para suas aulas grande afluência de um público ávido de conhecimento mas também sempre na expectativa das suas explosões irritadiças e irascíveis. O professor é um dos poucos a pôr em dúvida a teoria do progressivo aquecimento das profundezas terrestres, inconveniente hipótese que tiraria toda credibilidade da aventura do tal alquimista islandês, que ele quer repetir.

Aventureiros, tio e sobrinho partem, por terra e por mar, na longa viagem até Reykjavik, capital da Islândia. Da decifração do manuscrito até a precoce — mas salvadora — expulsão das entranhas terrestres pela chaminé de outro vulcão, em outra ilha, a milhares de quilômetros ao sul, “Em frente! Em frente!” é a forma expeditiva do professor para terminar qualquer discussão, sobre qualquer obstáculo. Já o pupilo invariavelmente começa ensaiando alguma resistência aos enérgicos impulsos, para acabar aceitando seguir calado, cientificamente contrariado, mas tendo que afinal dar a mão à palmatória (sem que isso abale a sua certeza da impossibilidade teórica de fazerem o que estão fazendo): “Eram reflexões que, é claro, eu guardava para mim, pois meu tio Lidenbrock não as entenderia. Sua ideia fixa era a de seguir em frente. Andava, escorregava, podia até despencar, mas sempre com a mesma convicção. E isso, apesar de tudo, era admirável.”

Chegando à Islândia após várias peripécias, em que se incluem “aulas de abismo” do professor ao sobrinho, junta-se à dupla o terceiro protagonista, um homem de gelo, o impassível Hans, que lhes servirá de guia. O trio não poderia ser mais heterogêneo: um sólido cinquentão cuja única paixão é a ciência, um jovem de sensibilidade romântica e, finalmente, com idade intermediária, alguém dotado de bom senso prático, além de energia e força física, qualidades não intelectuais mas de suma importância numa expedição, mesmo que puramente científica.

Como já se cometeu a indiscrição de dizer que a viagem é interrompida (espetacularmente) antes de alcançado o centro da Terra, não se comentará a aventura propriamente, que o leitor acompanha de surpresa em surpresa, ininterruptas e maravilhosas, sem refugar diante de absurdo nenhum, quebrando todas as nossas ideias feitas sobre o interior do globo terrestre, no que diz respeito aos reinos mineral, vegetal e animal. Tudo avalizado com segurança pelo saber de Otto Lidenbrock, com copiosas explicações didáticas, em que se inclui até um discurso a uma plateia imaginária de eruditos, num Jurassic Park perdido no espaço e no tempo, a léguas e léguas da superfície terrestre e do ponto de partida, sobrevivente por uma série de coincidências geológicas.

Para não dar ao leitor uma impressão errada de teses e antíteses, defendidas por tio e sobrinho diante do absoluto desinteresse de Hans, lembremos que a mágica de Jules Verne consiste justamente em nos passar esse didatismo — que abrange os mais recentes avanços da ciência do seu tempo — embutido em aventuras bem-amarradas por seu gênio literário. As informações técnicas se diluem em personagens emblemáticos, em diálogos rápidos e eficientes, tudo bem temperado com grande dose de humor, que pode chegar às raias da ferocidade, como em certo momento da narrativa Axel comenta a respeito do tio.

Diga-se, aproveitando o ensejo, ser Axel mais do que o narrador do romance: ele é também o autor do relato publicado depois da aventura, *Viagem ao centro da Terra*, grande sucesso editorial no mundo inteiro, que lhe permitiu se casar com a bela Graüben e continuar vivendo na boa cidade de Hamburgo. Como previra a noiva ao encorajá-lo para a excêntrica viagem — que se revelou iniciática —, ele se tornou um *homem*, e não mais apenas o sobrinho do professor.

Nessa receita em que entram o didatismo científico, uma linguagem moderna e ágil, além do humor, é inegável a influência do editor Hetzel. É interessante notar que no mesmo ano em que a coleção Viagens Extraordinárias enfim ganhou esse nome, quando qualquer manuscrito de Verne já prometia ótima vendagem, Hetzel recusou o romance *Paris no século XX*, no qual o escritor descreve a capital francesa em 1960, com ruas limpas e iluminadas, carros motorizados a gás, um mundo organizado pelo triunvirato ciência, técnica e dinheiro. O que fez o editor negar o manuscrito foi uma surpreendente constatação, que poderia matar a sua galinha dos ovos de ouro: o autor que inscreveria a aventura científica na base do seu universo romanesco passava nas entrelinhas uma imagem bem amarga da ciência e das finanças, que levavam as pessoas, em sua visão de futuro, ao desprezo pelas humanidades clássicas, tendo sido abandonado, por exemplo, o ensino curricular do latim e do grego nas escolas. No romance, o personagem central, Michel Dufrenoy, é esmagado por essa perfeita engrenagem social em que as Letras não têm

mais valor, com a narrativa concentrada mais em sua derrota psicológica e seu desespero, ensombrecendo o aspecto maravilhoso do progresso. Esse livro, para Jules Verne, representava bem mais do que pura fantasia, tendo seu último capítulo um título bíblico em latim, *Et in pulverem reverteris*: E ao pó retornarás.

Paris no século XX foi publicado apenas em 1994 e o autor só se atreveria a voltar tão obviamente a seus sentimentos pessoais num discurso, em 1875, para a Academia de Ciências, Belas-Letras e Artes da sua cidade de adoção, Amiens, da qual era membro e por duas ocasiões foi diretor. Nessa fala, ele conta um “sonho” recente (que mais parece um pesadelo) em que, de forma bem inquietante, “tudo havia mudado no mundo! Tudo havia seguido a via lógica do progresso! Ideias, costumes, indústria, comércio...”. Descobre-se, na última frase do discurso, que ele se encontrava na mesma cidade de Amiens, só que no ano 2000.¹

Não era esse pessimismo, então, o melhor caminho para a grande aventura das Viagens Extraordinárias. Jules Verne entendeu que devia enveredar por outra escolha, sem opor tão brutalmente o classicismo à ciência, mas sem deixar esta última à mercê dos exclusivos interesses financeiros e políticos. A própria ciência moderna do século XIX era uma aventura, gerando personagens heroicos e apaixonados. Os seus novos paladinos mobilizariam os recursos do saber e as possibilidades da técnica, acrescentados aos prestígios da cultura clássica. A fórmula havia cimentado o sucesso dos dois primeiros romances de Verne publicados por Hetzel e seria explorada em muitos outros. O editor nunca mais recusou seus manuscritos, sabiamente adequados à tutela do editor.

Tal interferência às vezes invadia até mesmo a vida privada do escritor. O grande romance francês do século XIX não suscitou flanadores existenciais como os poetas Baudelaire ou Rimbaud. Balzac, Stendhal, Victor Hugo, Flaubert, Zola etc. buscaram na literatura o conforto burguês daquela época essencialmente burguesa. E isso significava não só o dinheiro que a literatura podia gerar, alavancada pela imprensa, por sua vez financiada pelos bancos, mas “as aparências” que se deviam manter. Na segunda rebeldia literária de Verne, o discurso de Amiens citado pouco acima, uma das surpresas desse sonhador foi a obrigatoriedade futura — por constrangimento fiscal — do casamento e da procriação: fortuna nenhuma sobrevivia ao celibato, taxado progressivamente à medida que o solteirão envelhecia. Jules Verne estaria livre dessa supertributação, pois se casou e teve um filho, Michel, mas foi bastante ausente nessas duas funções, particularidade que de forma alguma o desabonava socialmente,

1. O texto está disponível em www.france-pittoresque.com/perso/Une-Ville-Ideale-Amiens.pdf.

já que se mantinha perfeito provedor doméstico. E foi um pai nem tão omisso assim, pois em 1876, julgando que o filho tinha um comportamento rebelde, conseguiu na justiça o seu internamento por seis meses numa casa de correção, a Colônia Penitenciária de Mettray (é verdade que talvez o clarividente chefe de família tivesse razão, pois o rapaz era da pá virada e aos dezenove anos provocou um escândalo, fugindo com uma atriz, com quem teve dois filhos, aos quais abandonou, fugindo de novo com uma jovem pianista de dezesseis anos, tornando-se pai, rapidamente, mais duas vezes...).

O ano de 1886 foi crucial para Verne, que em fevereiro decidiu vender seu iate, o *Saint-Michel III*, desanimado e preocupado com as dívidas do filho. Um mês depois, chegando em casa, ele foi misteriosamente ferido a bala pelo sobrinho, com dois tiros, causando ferimentos que o deixaram manco para o resto da vida. O rapaz, Gaston, foi internado num hospital psiquiátrico, onde ficou até morrer, mais de cinquenta anos depois. Seu pai, Pierre Verne, explicou o ato dizendo ter sido apenas para chamar a atenção da imprensa e ajudar a eleição do tio à Academia de Letras, mas nem para isso serviu. No mesmo ano, morreu Pierre-Jules Hetzel, o que muito abalou o escritor, embora o filho do amigo, Louis-Jules, já viesse assumindo a editora e o tivesse acompanhado num grande cruzeiro pelo Mediterrâneo, no ano anterior.

Forçado a se sedentarizar, Verne nem foi ao enterro da mãe (o pai já havia morrido em 1871), em Nantes, no início de 1887. Mesmo dando continuidade à produção literária, seus interesses passaram a se concentrar mais na vida da cidade de Amiens, elegendo-se no ano seguinte à câmara municipal como conselheiro (algo próximo do nosso vereador) e mantendo o cargo por quinze anos. Deve-se a ele, apesar de na época ser muito criticada pelo alto custo, a construção de um dos raros circos em alvenaria da França. O belo edifício foi tombado pelo patrimônio histórico em 1975 e desde 2003, após restauração, passou a se chamar Circo Jules Verne.

O amor pelo espetáculo e pela vida dos acrobatas de feiras aparece em dois volumes das Viagens Extraordinárias: *Mathias Sandorf*, de 1885, e *César Cascabel*, de 1890. Foi neste último ano, aliás, a inauguração do circo municipal de Amiens, com discurso do escritor, em que ele diz, se dirigindo ao prefeito: “O novo circo é uma obra de arte que a sua administração aceitou dotar de todos os aperfeiçoamentos da indústria moderna. É o mais bonito, sem dúvida, e também o mais completo, pela construção e aparelhagem, jamais erguido na França ou no exterior.” O prédio, de fato, contava com luz elétrica e aquecimento central.

Em 1902, pela primeira vez Jules Verne recusou um convite de palestra da Academia de Amiens: “Vocês esquecem que, na minha idade, as palavras se vão e as ideias se perdem.” O diabetes ganhava terreno, criando problemas sobretudo oftálmicos. O ritmo das publicações se mantém, mas o autor confessa serem livros escritos anteriormente e que ele apenas cor-

rige. O único tema novo que parece tê-lo motivado nesses últimos anos foi o esperanto, linguagem internacional elaborada por Ludwig Zamenhof em 1887. Jules Verne aceitou a presidência do grupo esperantófono de Amiens e projetou escrever um romance de divulgação do idioma, *Viagem de estudo*, mas morreu em 24 de março de 1905, deixando-o incompleto. Michel Verne continuou, já a partir de 1905, o trabalho de revisão e publicação dos textos inéditos de Jules e lançou também, com o seu próprio nome, alguns romances, seguindo a fórmula que o pai notabilizara e da qual é considerado um dos fundadores: a ficção científica ou o romance de antecipação, embutindo em aventuras as prováveis consequências das descobertas científicas e dando livre curso às suas tendências lógicas. Encarregou-se também da conclusão de *Viagem de estudo* e o publicou em 1919, com o título mudado para *A espantosa aventura da missão Barsac*, depois de eliminar todas as referências ao esperanto.

Essa “tendência lógica” em *Viagem ao centro da Terra* poderia abrir uma discussão sobre os seus limites e possibilidades. Desde os tempos antigos, reinos subterrâneos foram parte de quase todas as cosmogonias religiosas, mas à época cientificista de Jules Verne não eram raras, também, as teorias defendendo o tema da “Terra oca”, quase todas sugerindo a possibilidade de uma superfície habitável no interior do planeta. A tese já havia sido levantada por Edmund Halley (que determinou a periodicidade do cometa batizado com o seu nome) no século XVIII e ganhou maior projeção com John Cleves Symmes, Jr., que quis provar ser a Terra constituída por uma concha de cerca de 1.300 quilômetros de espessura, com aberturas nos dois polos. Um pedido seu chegou a ser encaminhado ao congresso americano, em 1823, para uma expedição que localizaria, no polo Norte, a tal abertura, mas o projeto foi abandonado devido à morte do seu mentor intelectual, em 1829.

A ideia, em todo caso, gerou muitas iniciativas extravagantes e distantes das intenções literárias do “Shakespeare da ficção científica”, como foi chamado Jules Verne na revista americana *Amazing Stories*, em seu número de janeiro de 1927. Nos anos 1950, por exemplo, foi levantada a tese de que os discos voadores que se viam no céu provinham não do espaço sideral, mas de um mundo superdesenvolvido no interior do planeta. Nas décadas seguintes, as imagens astronáuticas da Terra desmancharam qualquer veleidade com relação às tais aberturas nos polos, mas em 2007, com um orçamento de dois milhões de dólares, chegou-se a aparelhar um navio que partiria do porto russo de Murmansk, com uma centena de especialistas e documentaristas que não punham em dúvida a geodesia moderna, mas alegavam que a Terra podia ser plena em nosso universo tridimensional, mas oca na quarta ou na quinta dimensão...

Corri ao gabinete do temível mestre.

Otto Lidenbrock não era má pessoa, quero que fique claro, mas, a menos que ocorressem mudanças improváveis, seria até o fim da vida um terrível excêntrico.

Era professor no Johannaem³ e dava aulas de mineralogia, durante as quais tinha frequentes acessos de raiva. Não por se preocupar com a assiduidade dos alunos, o seu grau de atenção ou eventual sucesso nos exames. Detalhes assim pouco o interessavam. Lecionava “subjetivamente”⁴ — para empregar um termo da filosofia alemã —, para si mesmo e não para os outros. Era um erudito egoísta, um poço de sabedoria, mas um poço cuja roldana rangia quando se tentava extrair alguma coisa dele: em suma, um osso duro de roer.

Há professores assim na Alemanha.

Infelizmente para o meu tio, sua facilidade de expressão, que já não era grande em casa, diminuía ainda mais em público, o que vem a ser um defeito constrangedor em oratória. É verdade, em suas demonstrações no Johannaem, muitas vezes ele se interrompia bruscamente, em luta com alguma palavra recalcitrante que se lhe travava nos lábios, uma dessas palavras que resistem, se avolumam e acabam saindo como imprecisão nada científica. Donde os acessos de raiva.

Só que, em mineralogia, há muitos termos semigregos ou semilatinos de pronúncia difícil, nomes ásperos, capazes de esfolar a língua de um poeta. Longe de mim querer falar mal dessa ciência, mas, quando nos deparamos com cristalizações romboédricas, resinas retinasfáticas, guelenitas, fangasitas, molibdênio de chumbo, tungstato de manganésio ou titanato de zircônio, até as línguas mais adestradas eventualmente tropeçam.

Por toda a cidade era então conhecida essa perdoável falha do meu tio, mas as pessoas abusavam, à espreita nas passagens perigosas. Ele ficava furioso e todos riam, o que não é muito correto — mesmo se tratando de alemães. Havia então sempre uma grande presença de ouvintes nas aulas de Lidenbrock, mas quantos ali não o seguiam assiduamente sobretudo para se divertir com os famosos ataques de raiva do mestre?!

Seja como for, nunca é demais insistir, meu tio era um verdadeiro homem de ciência. Mesmo que às vezes quebrasse as amostras por testá-las um tanto bruscamente, nele o gênio do geólogo se acrescentava ao faro do mineralogista.

3. O Johannaem — cujo nome homenageia seu fundador, Johannes Bugenhagen — foi um centro de estudos criado no séc.XVI para a difusão das novas ideias teológicas da Reforma Protestante. O edifício, após uma grande reforma no início do séc.XX, abriga hoje a Universidade de Hamburgo.

4. O termo é bastante ligado à filosofia de Immanuel Kant, que atribui caráter subjetivo ao tempo e ao espaço, os quais não são propriedade dos objetos e sim noções embutidas no indivíduo desde o nascimento.

De martelinho, buril, agulha imantada, maçarico e frasco de ácido nítrico em punho, era muito bom no que fazia. Pela maneira de se partir, pelo aspecto, pela dureza, pela fusibilidade, pelo som, pelo cheiro e pelo gosto de qualquer mineral ele podia, sem sombra de dúvida, classificá-lo entre as seiscentas espécies que a ciência de hoje reconhece.⁵

O nome Lidenbrock era ouvido com respeito em anfiteatros e associações científicas nacionais. Os srs. Humphry Davy e Von Humboldt, assim como os capitães Franklin e Sabine, nunca deixaram de visitá-lo quando passavam por Hamburgo.⁶ Os srs. Becquerel, Ebelmen, Brewster, Dumas, Milne-Edwards e Sainte-Claire Deville⁷ gostavam de consultá-lo sobre as mais palpitantes questões de química, ciência que deve ao professor Otto Lidenbrock belas descobertas. Em 1853, foi publicado em Leipzig, de sua autoria, um *Tratado de cristalografia transcendente*, um grande in-fólio contendo diversas pranchas ilustradas, que entretanto nem sequer cobriu os custos gráficos.

Acrescente-se a tudo isso que meu tio era o conservador do museu mineralógico do sr. Struve,⁸ embaixador da Rússia, uma preciosa coleção célebre em toda a Europa.

5. Quase século e meio depois desse “hoje”, são cerca de 5 mil as espécies reconhecidas pela Associação Internacional de Mineralogia (IMA).

6. O físico e químico inglês Humphry Davy (1778-1829) é conhecido sobretudo pela invenção da chamada “lâmpada de Davy”, usada em minas de carvão. O explorador e geógrafo alemão Alexander von Humboldt (1769-1859) é mundialmente famoso por suas viagens científicas à Ásia Central e às Américas Central e do Sul. Os capitães britânicos Sir John Franklin (1786-1847) e Sir Edward Sabine (1788-1883), separadamente, participaram de viagens científicas ao polo Norte. É interessante notar que todos, tendo em vista as datas de morte e a idade estimada do professor, que o narrador informa logo adiante, teriam visitado Lidenbrock sendo este ainda bastante jovem.

7. Becquerel pode designar Antoine César (1788-1878), que separou os metais e inventou o galvanômetro diferencial, ou seu filho, Alexander-Edmond (1820-91), que publicou trabalhos sobre a radiação solar (seguindo a linhagem científica, o neto e filho Antoine-Henri [1852-1908] foi ganhador, em 1903, do prêmio Nobel de física pela descoberta da radioatividade do urânio). Jacques-Joseph Ebelmen (1814-52), químico francês e engenheiro de minas especializado em cerâmica, foi diretor da fábrica de porcelana de Sèvres, inovando muito a sua produção, e aperfeiçoou também a fabricação de pedras sintéticas. David Brewster (1781-1868), físico e astrônomo escocês, pesquisou as propriedades ópticas dos cristais e inventou o caleidoscópio. Jean-Baptiste Dumas (1800-84), químico francês, formulou os princípios fundamentais da química geral e determinou de maneira precisa a composição do ar, da água e do dióxido de carbono. Henri Milne-Edwards (1800-85), zoólogo francês, especialista em moluscos e crustáceos. Charles Sainte-Claire Deville (1814-76), geólogo francês, publicou em 1858 um livro sobre as erupções do vulcão de Stromboli.

8. Heinrich Christian Gottfried von Struve (1772-1851), diplomata russo em Hamburgo, foi homenageado pela cidade, que deu o seu nome à coleção mineralógica do Museu de Ciências Naturais.

Era este, então, o personagem que me chamava com tanta impaciência. Imaginem um homem alto, magro e com uma saúde de ferro, ao qual louros e juvenis cabelos davam ares de dez anos mais moço, a ele que beirava os cinquenta. Seus olhos bem abertos estavam sempre a se agitar indóceis por trás dos óculos que pesavam sobre o nariz comprido e fino, mais parecendo uma lâmina afiada. Inclusive havia quem, maldosamente, dissesse ser este um apêndice imantado e que atraía limalha de ferro. Pura calúnia: atraía apenas tabaco em pó,⁹ mas, na verdade, em grande abundância.

Se eu acrescentar que meu tio caminhava com passadas matemáticas de um metro e disse ainda que fazia isso com os punhos firmemente fechados, sinal de um temperamento impetuoso, deixo bastante claro não ser ele uma companhia das mais convidativas.

Morava então nessa casinha da Königstrasse, uma construção metade em madeira, metade em alvenaria, com empena treliçada. Ficava de frente para um dos sinuosos canais que se cruzam no centro do mais antigo bairro de Hamburgo, que o incêndio de 1842¹⁰ felizmente não atingiu.

É verdade que a velha residência se inclinava um pouco, dando a quem passava a impressão de estar um tanto abaulada. Com isso o telhado mais parecia um gorro de estudante da Tugendbund,¹¹ meio caído por cima da orelha. O prumo das linhas deixava então um pouco a desejar, mas, no final das contas, ela se aguentava bem, graças a um velho olmo que se incrustara na fachada e que na primavera estendia seus brotos floridos aos vidros das janelas.

Meu tio até que era rico para um professor alemão. A casa era totalmente sua, por dentro e por fora. Nesse “por dentro” se incluíam a sua afilhada Grauben, uma jovem virlandesa¹² de dezessete anos, a empregada Marthe e eu. Em minha dupla condição de sobrinho e órfão, eu tinha me tornado auxiliar-assistente nas experiências do professor.

Confesso que me entreguei com vontade à ciência geológica. Tenho sangue de mineralogista nas veias e jamais me entediei na companhia de minhas preciosas pedras.

9. O consumo de tabaco se propagou na Europa a partir do séc.XVI, vindo do Brasil e das colônias espanholas. O hábito de cheirá-lo em pó era considerado terapêutico e é anterior ao de fumá-lo picado e enrolado como cigarro.

10. Em 5 de maio de 1842, um incêndio que começou numa loja se propagou por três dias, destruindo dois terços da cidade e matando 51 pessoas.

11. A Tugendbund (“Liga da Virtude”) foi uma associação patriótica criada em 1808 e proibida em 1814. Continuou porém muito atuante ao longo do séc.XIX como sociedade secreta, sobretudo no meio estudantil e militar.

12. Isto é, da Virlândia, município vizinho posteriormente incorporado como bairro a Hamburgo.



Otto Lidenbrock era um homem alto, magro e com uma saúde de ferro.

A bem da verdade, vivia-se agradavelmente naquela casinha da Königstrasse, mesmo com os acessos de impaciência do proprietário, que apesar dos modos um tanto brutais não deixava de gostar de mim. Só que o homem não sabia esperar e era mais apressado que o normal.

Por exemplo, quando num mês de abril plantou nos vasos de faiança da sala uns pés de resedá e de *Petrea volubilis*, pela manhã ele várias vezes ia puxá-los pelas folhas, querendo acelerar o crescimento.

A única maneira, enfim, de lidar com as suas excentricidades era obedecendo. Então corri ao gabinete.